

# MEMÓRIA HISTÓRICA SÔBRE SOROCABA (V).

(Continuação).

---

**ALUÍSIO DE ALMEIDA**

Do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba.

## CAPÍTULO V.

*Os capitães-mores. Ponte. Receita. Militarismo. Sorocaba no tratado de limites de 1750. Iguatemi. Guarapuava. Aclamação de Dom João VI. Vida e morte das sesmarias. Intrusos. Campos reúnos.*

\*

Na capitania havia, antes de ter um governador, isto é, antes de ser comprada pela Corôa e transformada em capitania de São Paulo a de São Vicente, um capitão-mor delegado do donatário. Concedia sesmarias, tinha jurisdição policial, militar e até mesmo fazia justiça. Em Sorocaba estiveram presentes dois desses capitães-mores que duravam no govêrno um triênio: Manuel Garcia Lumbria, porque residia aqui com a família, menos na ocasião em que governava, e Pedro Lopes de Carvalho, que veio em 1684 e em 1690, ao que parece procurando minas do Ipanema. Qualquer coisa que digam os historiadores em contrário, Sorocaba ficou pertencendo à verdadeira capitania de São Vicente quando esta foi esbulhada da sua capital e ficou sediada em Itanhaém, melhor, já começou assim sua existência. Aqueles dois capitães-mores exerceram aqui sua jurisdição.

Os capitães-mores locais são do século XVIII. Tinham o comando das Ordenanças, que podemos chamar de 3.ª linha (não do Regimento), e obravam exatamente como delegados de polícia, só que com muito maior arbitrariedade, a isso obrigados pelos Governadores e pelo regime. Por exemplo, se um tropeiro passava por aito, isto é, fora do Registro, com um ou dois animais, prendia-o, até pagar o tresdôbro do impôsto defraudado.

Houve sempre recrutamento de rapazes para as guerras do sul. Era o ofício dêles. E, se desertavam, tinham de prender pai e mãe, até aparecerem. Parece coisa dos totalitários, mas é que absolutismo e totalitarismo são sinônimos.

O próprio capitão-mor aproveitava a ocasião para exercer a sua vingança — Nêmesis, prazer dos deuses. O capitão-mor Cláudio não combinava com o coronel Paulino Aires de Aguirre (do Regimento), autoridade somente militar, mas com quem tinha de entrar em conflito. Mal se viu feito capitão-mor, recrutou os filhos de Paulino, e êste recorreu ao governador Cunha Menezes, que os mandou soltar imediatamente. Uma espécie de privilégio de quem já tivesse o pai servindo o Rei.

Vagando o cargo, a Câmara elegia três nomes, dos quais o governador escolhia um, nomeava-o, o Rei confirmava, e ficava mandando até morrer.

Precisava ser pessoa rica, para hospedar, por exemplo, o governador. Demais, não ganhava sequer as custas, como acontecia com os juizes ordinários. Qual o seu interêsse em sofrer tantas contrariedades? O poder, eis a verdade. O dinheiro não explica tudo. Ao menos se fôsse possível fazer negociatas rendosas com o Governador. Nada disso. Não havia com que, pelo menos em muitas vilas como Sorocaba. Vasculhando bem a fundo, porém, percebe-se que a parentela do capitão-mor sofria menos as agruras do regime. Talvez fôsse poupada no recrutamento, no serviço de estradas rurais, tivesse facilidade para tratar de seus negócios mais ou menos dependentes da justiça, por exemplo, a fuga de um escravo, a obtenção de sentença favorável contra os intrusos de sua sesmaria...

Nossos capitães-mores eram gente boa e piedosa, tal como seus descendentes, mas, acostumados a mandar, falavam duro e com energia. Não há notícias de perseguições, crueldade, nem mesmo anedotas, como o de Pôrto Feliz, que fazia o passante ajoelhar em frente ao seu sobrado.

Eis a lista de capitães-mores.

Fernando Dias Falcão .....	1723
Gabriel Antunes Maciel .....	1723-1726
José de Barros Lima .....	?-1765
José de Almeida Leme .....	1765-178?
Cláudio de Madureira Calheiros .....	178?-1798
Francisco José de Souza .....	1798-1811
Manuel Fabiano de Madureira .....	1811-1828

Os três últimos eram da mesma família e ligados à do famoso capitão-mor Taques, de Itú.

Os quatro últimos foram perpétuos. Barros Lima desertou para o sul e, falecendo em 1799, não foi possível à viúva saber onde êle morrera. Antes, fôra superintendente das Minas de Paranapanema.

No intervalo entre o falecimento e a sucessão do capitão-mor, assumia-lhe as funções o sargento-mor.

Entre Gabriel Antunes Maciel e Barros Lima, durante muitos anos o cel. Bernardo Antunes Rolim de Moura desempenhou as funções de capitão-mor.

Quando faleceu Almeida Leme, o governador Cunha Menezes apressou a Câmara a enviar-lhe os três nomes. Logo que Cláudio tomou posse, escreveu-lhe que não podia recrutar os filhos do cel. Paulino Aires de Aguirre. *Et pour cause...*

Descobrimos as casas de Barros Lima: rua Cel. Nogueira Padilha; Almeida Leme, rua da Ponte, hoje praça Fajardo; e dos três Madureira (sobradão em frente do Mercado atual); Francisco José de Sousa era genro de Cláudio e cunhado de Manuel Fabiano. Êste fêz o seu sobradão da rua da Penha depois que se tornou apenas titular.

\*

Em 1817 resolveu a Câmara que qualquer pessoa podia matar uma rês no Açogue (público) a 500 réis a arrôba.

Cobrava-se desde tempos antigos 500 réis por barril de líquidos (bebidas) “do mar em fora” e 320 réis por carro que entrasse de outros distritos, “por isso chamamos entradas as contribuições” — dizem os vereadores nesse ano.

Não estava ainda pronta a ponte, e eis que o coronel Inácio Álvares recruta para o regimento o carpinteiro Manuel Rodrigues de Sampaio. A Câmara reclamou perante o Govêrno.

A Câmara registrou a licença da Junta da Real Fazenda de São Paulo para Tomé Antônio Pereira abrir tenda de ourives da prata, com tabuleta.

As décimas urbanas, impôsto predial urbano da época, pertenciam à Fazenda Real.

A Câmara recebia apenas os impostos por cabeça de rês no talho (açogue), cana de aguardente, tavernas, vendas e lojas, aferições de pesos e medidas. O impôsto das Casinhas (mercado) estava destinado à Santa Casa.

\*

Todos os cidadãos que, aliás, se chamavam moradores, segundo o sistema português formava como que a terceira linha do exército, arrolados como soldados rasos, alguns cabos e sargentos e vários al-

feres e tenentes, um capitão para cada companhia de Ordenanças. Havia um sargento-mor e um capitão-mor, o chefe de tôdas, perante quem os oficiais prestavam juramento. As patentes de oficiais eram cobiçadas por conferirem nobreza com seus privilégios. Serviam para a procissão de *Corpus Christi*, as festas reais, o policiamento, as emergências. Parece que não havia companhias bem organizadas antes de 1765, época do govêrno do Morgado de Mateus em São Paulo. Em 1780, eram quatro companhias.

O regimento de milícias de 1780, era como que a segunda linha, muito mais regular que as Ordenanças, com exercícios mais frequentes, sendo os seus comandantes mais profissionais, continuando a existir as patentes de tenente-coronel e coronel. O motivo de se encontrarem essas patentes antes de haver o regimento é que se podia pertencer ao regimento de São Paulo e morar em Sorocaba. Depois de 1722 houve patentes dos têrços de auxiliares para as vilas do interior, inclusive Sorocaba, como a do tenente-coronel Bernardo Antunes Rolim de Moura. Em 1767 aqui havia uma companhia de infantaria de auxiliares (2.a linha). Em 1777 era ela chamada 7.a Companhia entre tôdas as vilas, mais uma companhia de dragões auxiliares. O regimento de milícias de infantaria e a Cavalaria das Ordenanças são de antes de 1815.

O que hoje seria tropa de 1.a linha não existiu em Sorocaba.

Os Aventureiros de Portugal e Brasil já não eram como os saqueadores da Idade Média. Eram como que voluntários. Em 1752 Cristóvão Pereira de Abreu levou para o sul alguns aventureiros sorocabanos.

Aventureiros em 1765 formaram quatro companhias que de Santos partiram para o Rio Grande. Dez anos depois mais quatro, uma das quais passou por terra a Santa Catarina em 1777, tendo parado no pouso de Filipe do Quintal, onde hoje é Aparecida, e passado o rio por fora da vila, para evitar inconveniências à população. Eram meio voluntários, meio recrutados, e recebiam paga. Além dessas, companhias, houve desde 1775 uma Legião de Voluntários Paulistas ou Legião Paulista que continuou praticamente nas guerras do Prata até 1827. Era de 1.a linha. A esta pertenceram o capitão Francisco Xavier de Barros, ituano, que embarcou em Santos em agosto de 1817 e em 1820, já de volta, se tornou genro da dona Gertrudes Aires de Aguirre e cunhado de Rafael Tobias, residindo na esquina da praça Fajardo com a rua 15 e na chácara Quinzinho de Barros até morrer em 1875, cheio de simpatia e benemerências, e o cel. Jerônimo Isidoro de Abreu, a quem nasceu em 1815, na vila do Rio Grande, o futuro dr. Vicente Eufrásio da Silva Abreu, genro do cel. João Floriano da Costa, ituano, comandante do regimento em 1822. O

lendário Osório foi alferes nesta Legião e sempre admirou a valentia dos paulistas.

As ordenanças, por sua pobreza, tinham uniforme precário e variado. Em 1762 os uniformes eram semelhantes aos de 1.ª linha: chapéu armado, já para o fim, dragonas (divisas) de ouro ou de prata, geralmente calção branco, véstia azul, botinas ou polainas pretas.

Dos soldados rasos que foram aos paiaguás e lutaram em começos de 1734, não sabemos os nomes. As patentes enviadas aos oficiais foram 23: Gaspar de Brito, Simão Álvares, Salvador Pires da Cunha, João Macedo, João Ribeiro do Prado, Diogo Domingues Fernandes, Francisco José de Magalhães, Manuel Fernandes de Abreu, Pedro Fernandes de Abreu, Pedro Rodrigues Marques, Salvador Pires da Cunha e Antônio Domingues Galera e Inácio Pedroso; alferes Mateus Correia Leme, Antônio Pedroso, Domingos Moreira, João Leme da Silva e Antônio Cubas, Bernardo Antunes; tenentes Vicente Luís do Passo, Pascoal Rocha Falcão, Domingos Álvares da Cruz e Raimundo Gomes Ribeiro e capitão Serafim Correia.

Na luta pereceram, com Gabriel Antunes Maciel, cêrca de 60 pessoas, das quais, muitas eram sorocabanas. Quantos destas lista teriam voltado?

Muitos anos depois, em 1770, o sorocabano Vicente de Oliveira Leme, que era filho de Sarutaiá e depois fundou Poconé, viajava em sua monção pelo Paraguai acima, quando os paiaguás atacaram. Pois o valente negociante resistiu, matou cêrca de 20 atacantes, e prosseguiu viagem, viagem de negócio.

Entre parênteses, êste sorocabano antes dê fixar-se em Mato Grosso trocara a viagem nos rios pela de terra, em tropa de muires, via Parnaíba. Vivia em 1802.

Filipe Fogaça de Oliveira e seu irmão João, Sebastião Sutil de Oliveira, Antônio Moreira Pais, Paulino de Aguirre (de São Sebastião, casado aqui duas vêzes), capitão Manuel Gomes de Carvalho, e outros foram ao Iguatemi desde 1766 até 1777.

Filipe Fogaça de Oliveira vendeu ao Sarutaiá em 1766, antes de partir com a família, a sua chacinha (terreno do Seminário). Casara-se em 1758 com Maria Francisca de Godói, filha do povoador do Viamão, Pedro da Silva Chaves e Gertrudes de Godói. João era casado com Ana de Almeida, filha de Francisco Xavier Rodrigues e Ana de Moraes. Ambos moravam no Iperó, na fazenda do pai, Filipe Fogaça de Almeida, aonde voltaram a residir depois da destruição do presidio.

Ana, sua irmã, era mulher do capitão Manuel Gomes de Carvalho, português, a quem acompanhou.

Aparecem, depois, alguns casamentos com esta naturalidade, “nascido em Gatemim”. Tal foi Francisco Gomes de Carvalho, do casal supra, que em 1806 se casou com Maria Angélica de Matos. Dona Engrácia Maria da Paixão, filha de Francisco — Maria Angélica, viria a casar-se com Carlos Leão Baillet, de Bar-le-Duc, ourives e pintor assassinado em Campo Largo, hoje Araçoiaba, e foram os pais de Augusto Baillet, professor de matemática no antigo Ginásio do Estado de São Paulo.

\*

Os sorocabanos que tanto auxiliaram os outros paulistas a dilatar as fronteiras do oeste, foram convocados por Gomes Freire de Andrade, governador do Rio (por estar extinta a nossa capitania) e por indicação do bispo Galvão, de São Paulo, a dirigir uma curiosa expedição em 1753: levar os marcos de pedra vindos de Lisboa, com as armas reais inscritas, à Comissão de limites que estava no rio Paraguai. Tanta importância se dava aos símbolos! Antônio de Almeida Falcão, mestre-de-campo, que viera definitivamente de Cuiabá à terra natal, vivendo na sua fazenda do Rio Abaixo, tinha até índios daquelas regiões e foi o cabo ou guia paulista do comandante de primeira linha. A flotilha fluvial partiu de Araraguaba com os rios ainda cheios, facilitando certas itaipavas. Ele ia sempre à frente, passando primeiro nos lugares mais perigosos. Acima das Sete Quedas, os homens levaram por terra até Curuguatí, onde estava o brigadeiro José Custódio aquelas pedras, certamente numa espécie de estrado de madeira, que alguns chamavam banguê. Falcão retornou felizmente em outubro daquele ano e como era viúvo, ainda em 1760 casou segunda vez e decerto morreu em seu leito, anos depois.

Um episódio mais doloroso do que o da guerra aos paiaguás foi o de Iguatemi, presídio fundado em 1767, pelo governador Morgado de Mateus no sul do atual Mato Grosso, não longe do antigo arraial sorocabano-ituano do Mboteteí, de um século antes, para segurar as fronteiras contra os castelhanos. Todos e só os paulistas de todas as vilas concorreram para essa colônia militar que entrou na história com o nome de Cemitério de Paulista e rendeu-se aos espanhóis em 1777, mas Sorocaba e Itú sofreram mais. O nosso capitão-mor José de Almeida Leme via-se obrigado a recrutar gente e comprar mantimentos e enviar a Araraguaba. Toquinho salgado, feijão e farinha de milho para alimentar uma povoação que, ainda hoje, na era do avião, é longe. Em 1771 o sargento-mor Luís Vaz de Toledo Piza que aqui morava, embora já casado em Cotia, com o irmão padre Carlos Correia de Toledo e Melo, ambos futuros Inconfidentes mortos no desterro, levou uma condução de alimentos. Duas mu-

lheres de má vida iam com o fim de se regenerarem naquele sertão, casando-se. Uma voltou de Pôrto Feliz, com a promessa de não virar a cabeça dos homens do seu bairro, e chamava-se Inácia Rodrigues da Guerra. Dos doze soldados de cavalaria das Ordenanças, sem falar dos remeiros, um desertou.

Eis os nomes dos sorocabanos que mais sofreram aquelas agruras construindo um Brasil tão grande.

\*

Sorocaba ofereceu uma partezinha no povoamento de Guarapuava. A carta-régia da fundação é de 5 de novembro de 1808. Um misto de catequese, de presidio militar e povoamento. A primeira expedição era de soldados de Santos, em 1809, os quais chegando a Paranaguá e Curitiba, receberam reforços, mas daí em diante muitas expedições iam por terra, passando por Sorocaba. Foi criado um novo impôsto no Registro de Animais para os cavalos, procedentes de Guarapuava, para custear a fundação. O administrador Antônio Francisco de Aguiar, pai de Tobias, adiantou dinheiro de seu bôlso, a pedido do pobre Govêrno. Todos os meses, lá em Curitiba, seu representante comercial entregava ao comandante 600 mil réis. Antes de abrir-se a estrada pelos militares, lá foi como catequista o padre Francisco das Chagas Lima. Como ajudante ou segundo catequista, frei Pedro Nolasco da Sagrada Família, que era então Presidente do Convento beneditino local, partiu de Sorocaba em agôsto de 1816, com uma leva de povoadores e militares que por aqui passou.

O bom do monge não conseguiu chegar ao povoado, que somente organizou-se completamente em 1819, mas aqui zelozamente recebeu como marido e mulher à face da Igreja humildes povoadores que iam seguindo: Joaquim da Costa, de Pindamonhangaba, filho de Joaquim Moreira e Maria Costa, com Ana Tereza, de São Roque, filha de Manuel Gonçalves e Ana Leme; José Caetano de Almeida, de São Roque, com Ana Joaquina, de São Paulo, filha de Constantino José e Ana Maria; João Francisco, de Jundiá, filho de João Francisco e Rufina Dias, com Quitéria Maria, de Sorocaba; Vicente Ferreira, de Taubaté, com Custódia Maria, de Sorocaba; Manuel Lima Gonçalves, de Nazaré, filho de Antônio Gomes (*sic*) e Teresa Maria, com Ana de Jesus, de Taubaté; Francisco, filho de Marques e Catarina Nunes, de São Paulo, com Rita, de Itú, filha de Miguel Jerônimo e Maria Leme.

O capitão Domingos Inácio de Araújo, mineiro aqui residente, partiu em 1813, abrindo fazenda de criar naqueles campos. Deixou

no convento de Santa Clara, a filha, irmã Ana de Santo Antônio. Ele faleceu em 1852.

\*

Com a morte de dona Maria I, Dom João se tornou o Rei. Em Portugal usava-se em vez da sagração, a aclamação, que devia ser feita no Rio e por tôdas as Câmaras municipais. Veio aviso do governador de São Paulo e tudo se preparou. A parte religiosa ficou a cargo do vigário colado, Antônio Ferreira Prestes e da cleresia local. A Câmara e o povo ofereceram três noites de luminarias e fogueiras pelas ruas, com encamisados, uma espécie de carnaval, de 5 de abril, sábado de aleluia, a 6 que era o dia da festa e a 7, tudo com edital passado a 16 de março. Quem não caiasse as frentes de suas casas, nem limpasse as testadas, pagaria seis mil réis de multa. Eram permitidas as salvas (de pólvora sêca) a qualquer pessoa. No edital, aliás, aparece a expressão “país” no sentido de terra ou região local, bem como os vereadores, no officio após as festas, se atribuem indevidamente o título de Senado, privativo de algumas Câmaras, como a do Rio.

No dia 5 começou a alvorada com as salvas, não só de festim, mas bombas de fogueteiro (que era o português Antônio José da Piedade, que se forneceu na loja de Antônio Lopes de Oliveira).

“Na manhã do dia 7, acompanhado de tôda a República, êste Senado se dirigiu à igreja matriz, onde foi celebrado o incruento sacrifício com o Senhor Exposto, no fim do qual uma oração “iluminada” do R. Frei Francisco de Santa Teresa Machado, que a isso se tinha disposto, o qual desempenhando tão elevado objeto realçou bastantemente a nossa função, depois do que foi entoado por todo o clero o hino ao Altíssimo, *Te Deum*, no fim do qual foram dadas três excelentes descargas da Guarda que se achava postada no adro”.

\*

Até pouco depois de 1822, como em todo o Brasil, Sorocaba foi povoada mediante a concessão de sesmarias. Ficaram como terras devolutas os campos de criar ou criadores, ou porque ninguém se interessasse em fazer despêsas para fechá-los com valos de léguas, ou porque estavam sujeitos a intrusos bem como à invasão das tropas, que após as feiras os deixavam completamente nus, ou principalmente porque mesmo para criar não prestavam. Os lavradores faziam seus ranchos nas proximidades dos capões de mato para a pequena lavoura de subsistência. Sòmente se arriscavam a ser enxotados se algum rico requeresse as terras, o que não acontecia, pelo



percalços apontados. Assim, na Colônia, sob o nome de campos reúnos, no Império e na República campos nacionais, ainda existe hoje um resto dêles. A gente vai cercando, cercando. Em 1950, ia-se de Eden a Aparecida sem porteira. Hoje não. Assim mesmo houve sesmarias inteiras em campos com grandes capões e restingas de mato.

A sesmaria começara em Portugal, evidentemente em muito menor escala, para as terras abandonadas e daninhas. Chamadas também pardieiros.

No Brasil, não eram terras abandonadas. Ao contrário! O tamanho estêve de acôrdo. As primeiras foram dadas por Martim Afonso em 1532 tomando como testada o litoral e sertão a Paranapiacaba. Tôda sesmaria têm testada, a frente, e sertão, o fundo. Sertão, palavra africana, é o que está no interior e não pròpriamente o mato. O quintal é o sertão da casa... A testada era o mar ou um curso de água e, a seguir, os caminhos, o que concorria para fixá-los, apesar de péssimos. André Fernandes tinha muitas sesmarias na região de Sorocaba. Dava-as de amor em graça.

Baltazar teve uma de uma légua em quadra de cada lado do rio Sorocaba, a começar da ponte. Nunca as mediu.

A primeira sesmaria foi dada por Dom Francisco de Sousa no rio Sarapú.

João Martins Claro tirou sesmaria no Piragibú cêrca de 1695; é a mesma que em parte passou a seu genro e netos, os Monteiro de Carvalho. Limítrofe, com testada no caminho de Piragibú e sertão para o Mato Dentro, desde 1611, fôra concedida uma grande sesmaria de uma légua de testada e três de sertão, na direção da atual São Roque. Dita sesmaria, não povoada, em 1786 foi concedida de nôvo a modestos sitiantes como Antônio José da Silva, Marcelo de Marins, Francisco Teixeira da Silva, e assim se povoou Piragibú do Meio, com Inhaiba. Ainda em 1819 havia mato com uriundiúba que serviram até para retábulos de altar.

A continuação do Inhaiba e capela da Penha era sesmaria dos Domingues, desde lá por 1690. Foi-se dividindo com as partilhas por herança e escrituras de venda. Com os Domingues vizinhava Pascoal Moreira Cabral, desde lá por 1654, isto é, êles vieram vizinhar-se. Por sua vez, no córrego Itapeva Moreira Cabral se encontrava com Baltazar Fernandes. O terceiro Pascoal Moreira Cabral, um pobretão, ainda vendeu terras no Apereatuba lá por 1770, bem velho. Tinha acompanhado o pai (o segundo) a Cuiabá, mas o ouro de Cuiabá a ninguém aproveitou senão a Inglaterra.

Ainda por 1690 João Antunes Maciel tirou grande sesmaria no Pirapora, descendo por êle e pelo Sarapuú. Além dêste rio, continuaram os beneditinos e, como vimos, foram surgindo fazendas de criar até Curitiba.

De Sorocaba para o Ipanema a sesmaria do alcaide-mor Jacinto ou a de outro, já dividida, passou por compra ao vigário padre Pedro de Godói, 1690. Uma légua em quadra por 20 mil réis, o preço de um escravo índio.

O alto Pirapora, onde em parte se acha o município de Piedade foi dado ao português José Nunes Vieira, nome da família que reaparece em Pilar do Sul neste século. No Jurupará entraram em 1780 homens humildes fabricando canoas para as monções do Tietê e para isso fizeram roça e rancho. Deram com uma sesmaria recém-tirada pelos Madureiras, a mesma que permitiu a dona Maria Floriania fundar aí outro engenho de cana. Os Madureira tinham duas grandes fazendas, uma mais perto do Votorantim, na Ventania, vendo-se ainda no mapa municipal o córrego Madureira, à direita do rio Sorocaba, outra, à esquerda, cuja sede era na capela de Nossa Senhora do Pópulo, depois também chamada São Francisco. Tudo por herança, pois Matias de Madureira Calheiros era genro de Fernão Dias Falcão, dono da fazenda do Itapeva, que me parece era uma só. E a sesmaria do Gurupará, que seria para arredondar. Em 1822 os povoadores pobres aproveitaram a mudança política e obtiveram terras no Gurupará, e, então, contaram aquela história de 1780. Talvez o capitão-mor não olhasse com bons olhos essa vizinhança, talvez legalizavam posses que entravam em terras dêle.

Já para o lado do Pilar do Sul, depois da Ilha, vizinhando com os Antunes e São Bento, estava, por 1750, Geraldo Domingues, casado com Catarina Correia. Estes Correias, aliados aos Domingues, sempre pediam nos testamentos para serem enterrados ao pé do altar de Nossa Senhora do Pilar, em São Bento. Talvez tivesse em sua casa os Domingues uma cópia da imagem de Nossa Senhora do Pilar, que se perdeu. Em todo caso, a lenda de que os caçadores iam àquelas terras para “pilar” carne donde o nome ao lugar, não resiste ao bom senso.

Em 1803 João de Barros Lima comprou uma sesmaria além do rio Sarapuí. O povoamento ou posse das terras de Pilar do Sul completou-se nas vésperas de 1822, com as sesmarias do Turvo (dos Loureiro) e do Pinhal até a Paranapiacaba.

O Salto de Pirapora, que então se chamava Campo Largo do Salto, também depois de 1700 foi sendo povoado por sesmarias a diversos, gente pobre que é a que verdadeiramente mora no local, Sarapurã e Pirapora acima, e aqui temos os nomes de Bento de Lima Maciel, Ana de Zuniga, Maria Maciel, João Pereira Domingues, Joaquim Oliveira Camargo, Salvador Rodrigues, mas tudo abaixo da serra, de modo que já se estava no norte do território de Piedade, continuando, porém, a mata virgem despovoada. Na serra, em 1835, tudo acabava na fazenda Madureira.

Ainda no Jurupurá temos João Rolim de Moura, José de Camargo Pais e João de Sousa e Pedro Machado.

Mais para Piedade (município) Joaquim de Oliveira Camargo, Manuel Mendes, Pedro Alves, João dos Santos Moreira. Já para o Salto até o rio Sarapuí, nova concessão a Joaquim Soares Sampaio e Maria Pais.

Em 1753 Francisco Pedroso de Miranda já recebera terras no Alambarí. Seu vizinho nas Pederneiras (local, donde, portanto, já se tirava pederneira para espingarda, fato mencionado por exemplo por Saint-Hilaire, mas em 1820), era João Nunes de Faria. Por essa época Itapetininga, bairro de Sorocaba foi repartida por sesmarias aos seus fundadores Aires, Vieira, Braga, etc. Retornando ao Iperó, novas concessões aos Fogaças.

A sesmaria de Bacaetava doada à capela de Santo Antônio antes de 1787, por Paulino Aires de Aguirre de uma légua em quadra, e onde êle invernava um gadinho, talvez pertencesse à de Boituva, que é de 1766, concedida a João Fernandes Maciel, primeiro povoador daquele bairro, vizinhando com João de Araújo e Silva e Filipe Neri Barbosa, no interminável Sorocaba — abaixo. Aí, porém, já se entrava no município de Itú, do qual Pôrto Feliz se desmembrou. Mais abaixo eram os Campos Bicudos, que chegavam até o Tietê (Sete Fogões, hoje) e que também eram donos de Tatuí (Paíol), fazenda que venderam aos Carmelitas.

\*

O outro lado do Araçoiaba estava estourando de tanta gente e ainda tinha algum mato. Quem na estrada para Tatuí, depois de Capela do Alto olha à direita vê que aquilo nunca foi campo. Em 1811 o Governo e os acionistas compraram por 800 mil réis três quartos de légua de terras do morro. Não mexeram com o fazendeiro rico Francisco Feliciano de Oliveira Rosa, dono da fazenda que fôra de Almeida Leme, e capela de São Sebastião, rio Sorocaba adiante, mas desapropriaram 100 proprietários, herdeiros ou adquirentes de antiga sesmaria e que apresentaram suas escrituras. O comprimento ou sertão era uma légua. A testada, algumas braças, tudo isso obrigou as famílias a saírem, e assim provocaram a fundação de Campo Largo, todo saído de Sorocaba, e a do Tatuí, todo de Itapetininga desde 1811.

Gente pobre, vivia de uma rocinha, talvez cercada de varas num total indiviso. Mas a prova que ainda não haviam roçado todo o mato é que o mato justamente era necessário para carvão. Em todo o caso, em 1785 os sorocabanos dessa região já pretenderam

procurar novas terras rio Sorocaba abaixo (donde se vê que havia alguma navegação à canoa) e fundar uma povoação em Gurumirim, cachoeira onde neste século Manuel Guedes construiu uma usina elétrica, e o capitão-mor Cláudio obteve do governador Cunha e Meneses, em 19 de setembro daquele ano, a necessária licença, que incluía os privilégios de novos povoadores e a escolha de um chefe. A coisa não foi por diante, Tatuí escapou de estar à beira da cachoeira e de se chamar, talvez, Cunha...

Mais além de Tatuí, os campos de Guareí e Botucatu eram enormes sesmarias dos Campos Bicudos e dos Jesuítas, com algum gado e peões índios. Paulino Aires de Aguirre, aqui residente arrematou em hasta pública a fazenda de Botucatu, cujos agregados, agora índios livres, vinham batizar os filhos em Sorocaba, depois em Itapeitinga.